



REPRESENTAÇÃO SOCIAL SURDA E OUVINTE: UM OLHAR SURDO SOBRE OS OUVINTES, REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Resumo

Em meio a discussões sobre os possíveis conflitos entre a cultura surda e ouvinte, o presente trabalho objetiva observar qual a visão que esses sujeitos da pesquisa tem do ouvinte. A metodologia utilizada terá o enfoque no comportamento de pessoas surdas do individual para o coletivo, será usado a entrevistas com questões que serão feitas para saber como é olhar que o surdo tem do ouvinte, a partir das respostas individuais, serão ajustados à Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, que é partindo do individual descobriremos qual o discurso comum a esse grupo. Será abordado a visão de Gladis Perlin sobre as diversas formas de ouvintismo presente no meio social que os surdos convivem. A questão histórica e cultural de domínio ouvinte como maioria linguística sob a minoria, no caso os surdos. Como resultado verificou-se a importância da língua de sinais na constituição do sujeito surdo, suas lutas e dificuldades frente a hegemonia ouvinte, que pela falta de conhecimento negligenciam esse público, pelo fato de desconhecerem como os surdos aprendem, se organizam em sociedade, e sua diferença ao ver o mundo marcada pela experiência visual.

Palavras-chave: Surdo. Ouvinte. Cultura. Representações.

Introdução

Ao longo da história, os surdos passaram por várias etapas para manter sua posição de indivíduos aceitos na sociedade, etapas estas, que não devemos deixar de citar que até os últimos 50 anos do século XVIII suas conquistas eram expressivas na questão educacional.

No Brasil temos a fundação da primeira escola para surdos, em 1856, por um professor surdo Eduard Huet, que veio da França e fundou o Imperial Instituto de

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84

Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro (ROCHA, 2008), com o apoio de D. Pedro II, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), referência na área da educação de surdos no Brasil. A criação do INES marcou o registro da história da educação dos surdos brasileiros.

Um acontecimento no ano de 1880 muda totalmente os rumos da educação de surdos no mundo, o Congresso de Milão, congresso este, que professores e diretores ouvintes de institutos de surdos de todo o mundo, decidiram sobre os rumos que se daria a educação de surdos. Desta data em diante a decisão tomada nesse congresso foi a adesão do método oralista, a língua de sinais foi proibida nas escolas e a nova metodologia para as escolas de surdos seria o oralismo (treinamento da fala). Conforme Palcich *et al.* (2016, p. 64) “[...] o que já havia sido conquistado, ou seja, a utilização da língua de sinais fora perdida, dando lugar a valorização da língua dominante (oral) sobre o aprendizado significativo.” Devido a proibição do uso dos sinais na escola os professores surdos foram demitidos e a língua oral ficou operante nas escolas por aproximadamente 100 anos. O massacre oralista sob a língua de sinais perdurou no Brasil por aproximadamente até os anos 70 do século passado, e a partir de então os conflitos surdosXouvintes estão presentes no ambiente educacional e social.

Para melhor entender as políticas educacionais que surgiram na história da educação dos sujeitos surdos, toma-se como ponto de reflexão, questões associadas às representações sociais que servem de base para análise de comportamento humano e suas ações junto a sujeitos ou grupos sociais. Segundo Spink (1993) sobre as representações sociais diz: “São, conseqüentemente formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias - mas, que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos.” (SPINK, 1993, p. 300). Esses conhecimentos vão sendo construídos e compartilhados socialmente e contribuem para o desenvolvimento social dos indivíduos de um todo comum que resulta na comunicação, assim as representações sociais mesmo, acontecendo a partir dos elementos cognitivos devem ser compreendidas do seu contexto de produção, do meio em que partiu.

Um dos aspectos que favorecem as representações sociais de subserviência é a falta de informação e a incerteza da ciência, o desconhecimento de alguns indivíduos que deixam ser coagidos com ações que remetem o medo, por falta de compreensão da atividade cognitiva de entender, dominar e de se defender. Essas coações se dão desde os meios de informação (jornal, televisão, panfletos políticos ou não com mensagens alarmantes) ou por pessoas que lideram grupos sociais, no caso dos surdos por razão da falta de comunicação, muitas vezes, não são passados aos familiares conceitos, direitos, valores, assim os surdos ficam vulneráveis à manipulação, que em muitos casos negam seus direitos, por parte da conduta de alguns profissionais como intérpretes, professores, meio religioso, entre outros.

As representações sociais funcionam como organismos de interpretação das ações do indivíduo com seu meio, com o outro, orientando e organizando as condutas do indivíduo nos meios de comunicação social, intervindo de diversas formas no desenvolvimento individual e coletivo, na construção das identidades e expressões sociais e individuais objetivando a transformação dos grupos sociais. Estas representações atuam na vida social ativamente como fenômenos complexos, às vezes com temas isolados, mas que aliançados uns aos outros como elementos de informação, ideológicos, cognitivos, de crenças, valores, imagens e cultura, podem estar diretamente relacionados a mostrar a realidade desses grupos, segundo Jodelet (2001, p. 21): “É esta totalidade significativa, que relacionada à ação, encontra-se no centro da investigação científica”. À investigação científica cabe a tarefa de investigar e analisar esse todo das representações sociais para descrever seus processos de organização.

A escolha desse tema para o presente estudo se deu devido diversos conflitos que presenciei durante a minha trajetória profissional desde o ano de 2001 que acompanho os conflitos surdosXouvintes e também a experiência que tenho na família em ser mãe de surdo. Essa pesquisa busca verificar como os surdos nos veem, qual o grau de confiança que nós ouvintes passamos para eles ou não. Para as entrevistas foram escolhidos três surdos, dois adultos, um já terminou a

faculdade, o outro ainda está cursando e um surdo adolescente. A abordagem metodológica da pesquisa foi a do discurso do sujeito coletivo de Lefèvre (2005), que versa pesquisar vários sujeitos para retirar desses vários discursos o discurso do sujeito coletivo, neste método é usado a entrevista com perguntas já elaboradas e no decorrer das entrevistas foram surgindo outras perguntas que vieram contribuir para esclarecer várias curiosidades e informações de quem é esse sujeito surdo da pesquisa, como ele pensa, sente, e como se define culturalmente como diferente, com uma cultura e identidade surda.

Materiais e Métodos:

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa são de caráter qualitativo, enfocando o comportamento de pessoas surdas do individual para o coletivo, na busca de resposta e explicações que convençam o leitor e pesquisador da área sobre ter um olhar sob as diferenças culturais que marcam a trajetória do povo surdo. Essas diferenças culturais na maioria das vezes não são entendidas pelo ouvinte, já que os surdos ocupam o mesmo espaço físico, moram no Brasil, são cidadãos brasileiros, mas na maioria das vezes o surdo se sente como um estrangeiro em seu próprio país, falante de uma língua que é conhecida por uma minoria, os ouvintes não se dão conta de como é ver o mundo pelo visual, sem a audição, que diferencia a pessoa surda da pessoa que ouve e fala a língua oral.

Na pesquisa foi aplicado um questionário com perguntas direcionadas, que foram interpretadas por uma intérprete de Libras, em alguns momentos houve um novo direcionamento da questão para que os sujeitos surdos entendessem a pergunta devido a diferença linguística da Libras em relação ao português. As perguntas foram gravadas e posteriormente reescritas a partir do áudio da gravação da fala do intérprete que fez a interpretação na modalidade voz.

As questões foram sendo feitas para, a partir das respostas individuais, irem se ajustando a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, que é partindo do individual descobrimos qual o discurso comum a esse grupo, cada um responde e

os dados são analisados a partir de expressões-chaves onde se retiram as ideias centrais, e enfim o discurso do sujeito coletivo, essa metodologia versa por pegar fragmentos de vários sujeitos com um objetivo comum e transformar esses discursos individuais em um todo coletivo.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos entre surdos adultos, sendo um deles já formado em pedagogia e atua como professor surdo, outro acadêmico do curso de pedagogia e instrutor surdo para crianças surdas, e um adolescente cursando o ensino médio. Serão identificados na pesquisa como indivíduo 1, 2 e 3 na ordem descrita acima. Então vamos ao resultado.

Resultados

Os dados coletados na entrevista foram analisados conforme a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, primeira questão proposta foi qual a diferença que eles surdos tem do ouvinte, que é o nosso objeto de estudo e o sujeito 1 coloca uma frase muito significativa: “*É importante na nossa vida a identidade que temos, a própria língua de sinais*”, provando que os surdos tem consciência de que tem uma identidade própria deles que os caracteriza como um povo, Perlin (2010) diz:

É uma marca que identifica a nós, os surdos, em crescente posição de termos próprios no interesse de gerar poder “para si mesmo” e para os outros. Os surdos são surdos em relação a experiência visual e longe da experiência auditiva. Essa diferença que separa a identidade surda e a identidade ouvinte. (PERLIN, 2010, p. 54).

Nesta questão ainda é colocado que eles tem uma forma de sentir diferente da dos ouvintes pelo fato de perceberem o mundo ao seu redor pela visão “Existe um ser surdo que aprende o mundo pela visão” (VILHALVA, 2012, p. 147) e não pela audição que é o caso dos ouvintes e o que caracteriza a cultura de um povo, principalmente a língua, conforme Amaral (2012, p. 105) que diz: “a língua é inseparável da cultura do local onde é falada”, os surdos deixaram claro essa diferença linguística deles que os eleva a ser um povo, o povo surdo, com identidade e cultura própria.

O conceito de povo surdo não está vinculado estritamente à noção de espaço físico, mas inclui todos os surdos ligados por sua natureza e capacidade visual, independente do seu nível de linguagem, cultura, experiência ou lugar em que vivem. (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 303).

O que se conclui com a metodologia do discurso do sujeito coletivo que comparando as respostas, os três sujeitos da pesquisa colocam veemente a língua de sinais como forma de afirmação que marca a cultura do povo surdo.

O olhar que o surdo tem da forma que ele é observado pelo ouvinte, na segunda questão, no discurso coletivo é de que existe uma diferença cultural entre surdos e ouvintes e que o ouvinte não tem essa compreensão da diferença, o indivíduo 2 da pesquisa na sua primeira IC (ideia central) coloca que:

“Acredito que ele nunca vai entender a diferença de “ser surdo”, do nascer... a forma de comunidade de convívio, como aprende, os surdos. Sua experiência é de quem nasceu ouvinte”.

O discurso coletivo coloca uma esperança de que essas diferenças sejam reconhecidas pelos ouvintes, que diminuirá essa discriminação que eles acabam sofrendo por parte dos ouvintes por falta de conhecimento: *“Mas aqueles ouvintes que observar, vão ver que a língua de sinais é diferente e vão ter essa consciência, se tornando mais compreensivos.”* E por essa ignorância de não ter consciência da diferença, o comparam como deficiente mental e os olham com piedade vejamos o que o sujeito 2 na ECH (expressão chave) coloca exemplificando isso *“[...] é de um deficiente mental, eles não são iguais a nós, igual a mim o ouvinte, oh coitado é surdo”.* Essa ideia de olhar a pessoa surda com pena, é um discurso totalmente de falta de conhecimento e valorização da pessoa humana como um todo. Segundo Perlin (2010):

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade[...] não pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. (PERLIN, 2010, p. 59).

Perlin classifica as diversas formas de ouvintismo como sendo:

- Ouvintismo tradicional - nesta representação sobre os surdos os ouvintes mostram uma única forma que é modelo da identidade ouvinte. Predomínio

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84

do oralismo, é a pior forma de ouvintismo, neste modelo quer que o surdo esteja no molde ouvinte.

- Ouvintismo natural – apresenta um discurso de igualdade entre surdos e ouvintes, mas que o surdo está numa sociedade ouvinte, portanto precisa se adequar a ela. Reconhece e nega ao mesmo tempo a cultura surda.
- Ouvintismo crítico – apresenta uma posição solidária, admite a possibilidade de alteridade, da diferença do ser “surdo”, até luta pela causa surda, mas em relação ao saber demonstra superioridade.
- E o ouvinte que reconhece a alteridade de ser surdo, que elevam o surdo a defender a causa social surda incentivam os surdos a ampliarem os espaços para a produção simbólica da sua diferença cultural, conforme Quadros e Perlin (2006):

Além de narrar e defender a alteridade surda, esses ouvintes também entram na causa social surda, incentivando-os para a política da diferença e para a conquista do seu espaço cultural, ou seja, espaço de um novo desenvolvimento cultural. (QUADROS; PERLIN, 2006, p. 182).

Nessas classificações feitas por Perlin, observamos presentes esses discursos na fala sujeitos da pesquisa quando o ouvinte não quer ser corrigido na Língua de sinais: *“As vezes não aceitam correções porque são iniciantes na Libras e a gente sofre com isso.”* O que foi colocado do ouvintismo crítico que em relação ao saber demonstra superioridade, não aceitando a correção de um surdo mesmo que a correção seja na língua de sinais que é própria do surdo. A visão clínica presente no ouvintismo tradicional citado por Perlin, do surdo ainda é muito presente na IC do sujeito 2 da pesquisa, que comenta: *“Lá na escola as pessoas diziam ele é doente, ele não ouve, eu não tinha nada, só não ouvia, era surdo.”* veem o surdo não pela diferença cultural mas uma orelha com defeito.

Outro esclarecimento que se coloca nas expressões chaves na pesquisa é a confusão que o surdo é mudo, o sujeito 3 da pesquisa, esclarece isso:

“Os ouvintes pensam que nós somos mudos, muda, é deficiente... eu tive que explicar, e tem alguns ouvintes nos chamam de mudo, os surdos de mudo, falta conhecer a cultura, falta consciência, de informação do que é a cultura surda no profundo mesmo compreender mesmo.”

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84

Conforme Rocha, (2008), desde 1957 essa nomenclatura surdo-mudo caiu em desuso quando o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos por meio de um decreto mudou o nome para Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, através do Ministro da Educação Clóvis Salgado e o Presidente da República Juscelino Kubitschek. Quando se diz surdo-mudo, estão acrescentando uma deficiência que o surdo não tem, a pessoa muda é aquela que apresenta problema nas cordas vocais e não tem fala, não solta som ao falar, o surdo não fala oralmente por causa da falta de audição mas não tem problema em soltar som.

Na questão 3 analisando o discurso do sujeito coletivo, os surdos reconheceram a importância do ouvinte na causa surda: *“É muito importante a participação do ouvinte na nossa causa e tem sim, muitas contribuições, eles nos motivam para uma vida melhor, contribui estimulando, lutando”*. Aquele ouvinte citado por Quadros e Perlin (2006) que reconhece a alteridade de ser surdo. No discurso do sujeito coletivos eles citaram esses ouvintes que já fizeram manifestações pelos direitos dos alunos surdos a ter intérpretes de Libras, instrutores surdos para trabalhar com as crianças surdas, porque é muito importante a figura da pessoa surda adulta, que é instruída para a formação da identidade surda da criança, ela precisa dessa referência. “O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como o abrir de um baú que guarda os adornos que faltam ao personagem”. (PERLIN, 2010, p. 54). Entre os sujeitos entrevistados dois deles fazem esse trabalho com as crianças surdas e com os surdos adolescentes, esse trabalho é feito em horário oposto ao de aula regular na sala de recurso, são nesses momentos que o surdo adulto passa o jeito surdo de ser através de literaturas surdas como histórias, contos, fábulas e piadas surdas que dão acesso a esta cultura surda.

Quando professor e aluno falam a mesma língua, no caso, a língua de sinais, a comunicação deixa de ser um problema. Quando ambos são surdos, os interesses e a visão de mundo passam a ser os mesmos. A fluidez da comunicação possibilita as mais variadas trocas. (RANGEL; STUMPF, 2010, p. 87).

A referência do professor surdo é muito importante para a constituição da identidade surda, o papel do professor surdo na educação desses sujeitos vai muito

além do habitual em outras culturas. São nesses momentos com seus pares linguísticos que o surdo se vê igual ao outro com representação de ser surdo e que não há nenhuma anormalidade nisso.

Ainda em relação aos ouvintes, alguns que se envolvem com a língua de sinais, o que não podemos afirmar pelo discurso, de que seja “causa surda”, aqueles que se interessam pela língua por algum interesse profissional, são situações difíceis, mas muito presentes no dia-a-dia da comunidade surda e se expressa na ideia central de um dos sujeitos que diz:

“As vezes não aceitam correções porque estão iniciando na Libras e a gente sofre com isso de ter ouvintes, intérpretes que estejam mais afins (mais interessados) na nossa língua do que com nosso jeito de ser.”

Ou seja ouvintes que tiram proveito da língua de sinais mas não se envolvem com a causa, estão pensando só no lado profissional como: eu quero a língua desse povo mas não quero o povo, não quero me envolver com as lutas e problemas desse povo. Conforme citado sobre os conceitos de ouvintismo de Perlin (2010), o ouvintismo crítico.

Na quarta questão foi abordado o tema como o surdo define a cultura surda e a importância da LIBRAS para essa definição e o discurso do sujeito coletivo foi que *“A língua de sinais define a cultura surda”*. Foi colocado nas expressões chaves de todos os sujeitos da pesquisa que o encontro com os amigos surdos caracteriza parte de sua cultura, é um momento de prazer quando estão se comunicando em Língua de sinais com seus pares veja a fala do sujeito 3 da pesquisa: *“Temos também nossa cultura, nos reunimos sempre, com um grupo de amigos surdos, a gente se comunica sou feliz de estar no meio deles, isso é ser surdo.”* Perlin (2010) também cita isso num relato de uma pessoa surda de 25 anos de idade: *“Aquilo no momento do encontro com os outros surdos era igual o que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, aquilo que identificava eles identificavam a mim também, e fazia ser eu mesma, igual.”* (PERLIN, 2010, p. 54).

Na fala do sujeito 2, observa-se como a Libras é primordial para o surdo, ele diz que sua família não lhe ensinou a língua de sinais: *“Quando eu era pequeno as pessoas me viam como doente, que não ouve, hoje é diferente a aquisição da*

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84



Libras, nos torna diferentes, eu entendo tudo claramente.” Nesse discurso coletivo outra característica marcante da cultura surda são os ajuntamentos deles para conversar, contar piadas surdas.

“Praticamos esportes, tem alguns surdos que gostam de dança, de luzes, de movimento, de vibração, a cultura surda também é marcada por vídeo conferência, vídeo contato, mensagens, web can, conversas com web can nas redes sociais, mensagens de texto, as piadas fazem parte da cultura surda, o principal é o uso da língua.”

Conforme Amaral (2012, p.105) “[...] a língua falada por uma pessoa é marca de sua identidade na relação com a comunidade em que vive”. Assim na comunidade surda a língua de sinais faz parte da marca de identidade e cultura surda.

Considerações Finais

Diante das análises desses discursos podemos o verificar a importância da Língua de sinais na constituição desses sujeitos, os surdos. Onde durante a trajetória histórica, sofreram por parte da hegemonia ouvinte, e que ainda sofrem pela falta de conhecimento sobre a língua, cultura e identidade dos sujeitos surdos, mesmo em tempos de políticas inclusivas, os profissionais da educação ainda negligenciam esse público, pelo fato de desconhecerem como os surdos aprendem, como se organizam em sociedade, sua diferença ao ver o mundo que é marcada pelas experiências visuais.

Referências

AMARAL, N. G. Processos migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura. **Revista Linha d'Água**, n. 25 (1), p. 87-107, 2012.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). tradução: Lilian Ulup, Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2001, p. 17-44.

LADD, Paddy; GONÇALVES, Janie C. do Amaral. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; *Igarapé*, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84



LUNARD-LAZZARIN, Márcia Lise; (Org.). Cultura surda na contemporaneidade. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

LEFÈVRE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisas qualitativas (desdobramentos)/Fernando Lefèvre, Ana Maria Cavalcanti Lefèvre. 2. Ed – Caxias do Sul, RS: Educus, 2005.

PALCICH, S. da P. P.; ALMEIDA, G. C. C. ; NUNES, M. A. C.; ASSIS, J. H. A importância do ensino da LIBRAS como disciplina curricular no ensino fundamental e médio. **Revista Sodebras [on line]**. v. 11, n.116, Jun./2016, p. 63-66. ISSN 1809-3957. Disponível em: <http://www.sodebras.com.br> . Acesso em 08 de jun. 2016.

PERLIN, G. **Identidades Surdas**. In: SKLIAR (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 4ª ed. 2010.

QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis. **Ouvinte**: o outro do ser surdo. In: Quadros (org.). Estudos Surdos I – Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2006, p. 166-185.

RANGEL, G.M. Maciel; STUMPF, Marianne Rossi. A pedagogia da diferença para o surdo. In: Lodi; Harrison; Campos (orgs.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 3ª ed. 2010, p.85-96.

ROCHA, Solange. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Vol. 01. 2ª edição (Dez/2008) – Rio de Janeiro: INES/2008.

SPINK, Mary Jane P. *O conceito de representação social na abordagem psicossocial* (São Paulo, SP, Brasil). **Caderno de Saúde Pública**, Jul.Set. 1993, vol.9, no.3. acessado em 07 de junho de 2016 em <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>.

VILHALVA, Shirley. **Índios Surdos**: mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012.

Deaf and listener social representation: a deafening look on listeners, necessary reflections

Abstract: In the midst of discussions about the possible conflicts between the deaf and listener culture, this article aims to observe the deaf people 's view of the listener. The methodology will be based on the behavior of deaf people from the individual to the collective, will be used to interviews to know what it is like to look at

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 73-84



the deaf person from the listener, from the individual answers, will be adjusted to the Collective Subject Discourse Methodology, we find the discourse common to this group. Gladis Perlin vision of the concept of the present-day socialism will be approached. As a result, the importance of Libras in the constitution of the deaf subject, their struggles against the hegemony of the listener, who by lack of knowledge neglected this public in the way of teaching, of understanding how they organize socially and their difference in seeing the world by the visual.

Keywords: Deaf. Listener. Culture. Representations.